

Os Seúrros

povo pre-romano d'aquem e d'alem Minho¹

Plinio, iv, § 112 (ed. de Mayhoff), descrevendo a região do NO, da Iberia, situa ao Sul do Minho, entre este rio e Braga, um povo a que chama *Seurbi*, nome que, como já viu Cortés y López, *Dicc. de la Geografia ant.*, III (1836), 335, é variante de *Σευρροι*, que se lê em Ptolemeu, II, 6, 27.

Inscrições romanas, encontradas posteriormente ao tempo de Cortés y López, confirmam tal interpretação, e permitiram corrigir o texto de Plinio em *Seurri*. Vid.: Hübner, *Ephemeris Epigraphica*, VIII, p. 407 (1897), e IX (1903), p. 112; Marcelo Macias, *Inscr. de Astorga*, p. 91; Fidel Fita no *Bolet. de la Acad. de la Hist.*, XLII, 213-214; *Corpus*, II, 6290; e as minhas *Religiões da Lusit.*, III, 412.

Ao passo porém que Plinio coloca o seu povo na margem esquerda do Minho, como se manifesta da ordem geográfica que adopta, Ptolemeu coloca-o na margem direita, isto é, prolonga-o para lá, pois lhe dá como capital *Ταλαμιν*, que, segundo o *Itinerario* de Antonino, p. 425, ficava entre *Luco* e *Ponte Neviae*, embora o nome da cidade ali apareça também com variantes.

Em apoio do que deixo assente servirá agora o que vai ler-se.

Em Setembro de 1905, estando eu em Carviçais, concelho de Moncorvo, em casa do meu amigo Rev.º José Augusto Tavares, Abade da frêguesia, e pessoa dedicada a assuntos de Arqueologia, e que ao Museu Etnologico tem prestado grandes serviços, informou-me de que o Rev.º Alipio José Alves, Paroco de Felgueiras, do mesmo concelho, lhe dissera que no adro da igreja havia uma pedra com letras *que ninguem entendia*. Pois que a minha estada em Carviçais coincidia com uma festividade religiosa que se realizava ali, e a que assistia o Rev.º Alves, foi-me facil relacionar-me com ele, ir ver a pedra a Felgueiras, e obtê-la seguidamente para o meu Museu, onde hoje se guarda, e onde, em vista do que adiante se desenvolverá, constitue uma das suas preciosidades lapidarias.

¹ Comunicação lida em Coimbra, em 23 de Setembro de 1930, no Congresso internacional de Antropologia e Arqueologia Pre-historica.

Na pedra gravara-se uma inscrição funeraria de oito linhas, como consta da Estampa XI.

A lapide é de granito, está quebrada num extremo, faltando o tópo, e rachada horizontalmente, interrompendo a racha a terceira linha da inscrição. Tem de altura 1^m,165, de largura 0^m,62, de espessura 0^m,18. Altura das letras: 0^m,055 a 0^m,085. Encimava a inscrição uma estrela de seis raios, dos quais só resta parte, por causa da quebradura da pedra.

Discussão paleografica:

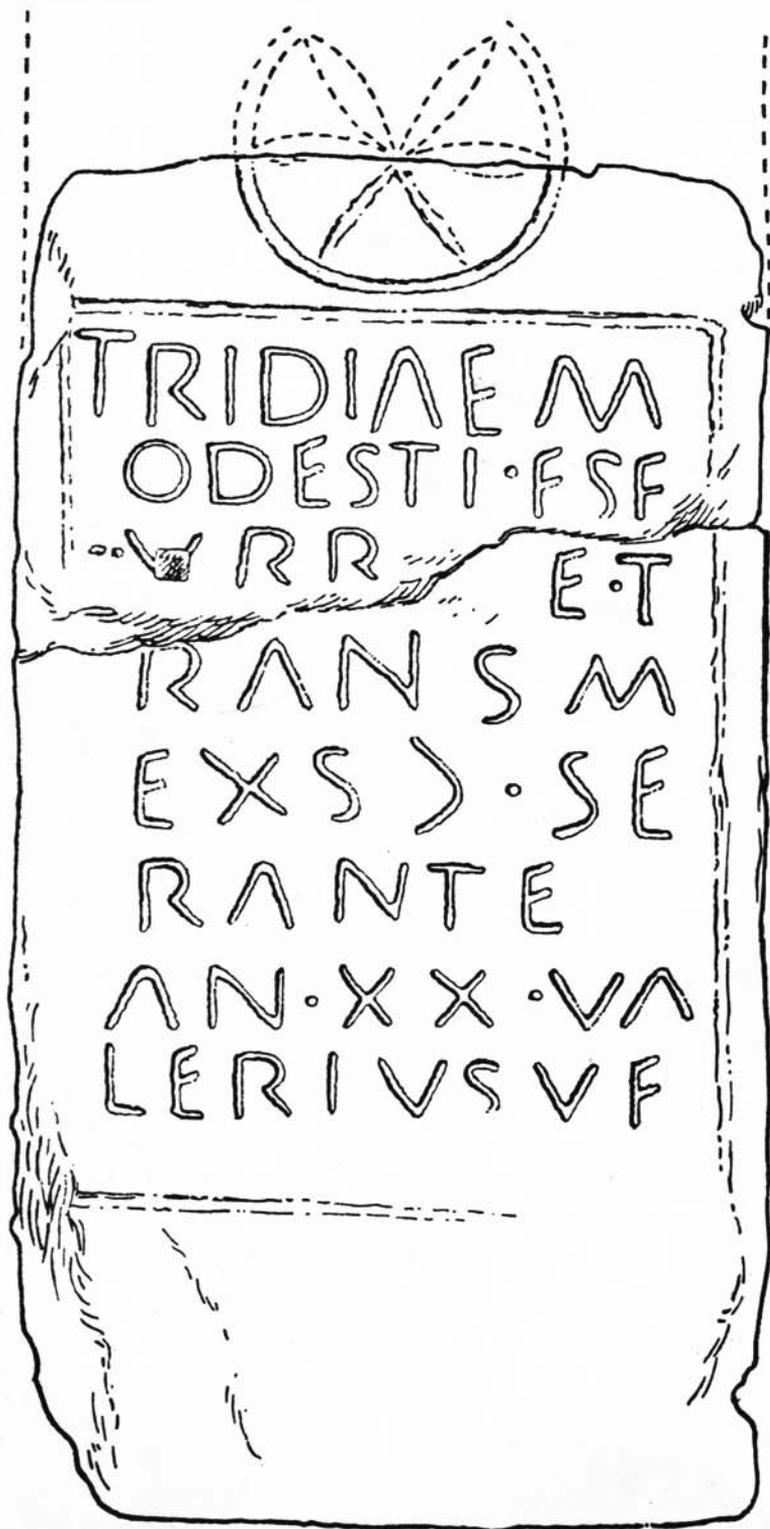
Algumas das letras estão um tanto apagadas. Outras lêem-se bem, mas o conjunto não é de pronta decifração, e por isso se avivaram as letras no desenho. Os AA são originariamente sem córte horizontal.

Linha 2.^a A ante-penultima letra está algo sumida, mas é F.

Linha 3.^a No princípio da linha vêem-se restos de ferro ali cravado, porque a pedra, quando foi arrancada do seu primitivo local, teve outra serventia, antes de fazer parte do lajedo do adro. Porém não houve ali letra nenhuma. A pedra, no sítio em que estava a 1.^a letra, recebeu um furo, por causa certamente de ferro que também aí esteve, e d'isso resultou ficar a letra muito falhada. A 3.^a letra podia ser P, B, ou R, mas deduz-se do contexto que era R. Entre esta letra e o E que se lhe segue existe espaço vazio, por causa da racha, mas estava aí só uma letra, que era A. A linha, na totalidade, constava de seis letras.

Linha 5.^a O sinal > deve ter a significação de *centuria* (não militar) ou analoga: cf. *Religiões*, III, 206.—O primitivo sentido de *centuria*, no nosso caso, foi agrario, e d'aqui se desenvolveu o de territorial ou etnico-territorial, como aqui: d'isto tratou H. Martin in *Americal Journal of Philology*, xxxv, 400.

Linha 8.^a As últimas letras são, sem dúvida nenhuma, V F. A inscrição, pela fôrma das letras, datará do seculo I para o II. Ela está insculpida dentro de uma moldura rectangular, ainda que ora desfeita em parte. Abaixo do lado horizontal e inferior da moldura vê-se espaço vazio, o que leva a crer que a lapide estava na epoca lusitano-romana enterrada a pino á cabeceira da sepultura a que ela pertencia. Isto é, era uma estela.



Transcrição da inscrição:

*Tridiae Modesti, f(iliae), Seurr[a]e, Transm(iniensi vel Transmi-
nianae), exs c(enturia) Serante, an(norum) 20, Valerius v(xori) f(ecit).*

Em português:

«Valerio fez esta sepultura para sua esposa Tridia, filha de Modesto, Seurra d'além Minho, da centuria (*vel simile*) Serante, falecida na idade de vinte anos».

Convem anotar as mais importantes partes da inscrição:

A estrela de tópo entra no grupo de simbolos funerarios de que me ocupei nas *Religiões*, III, 406 sgs.

Tridia, nome da defunta, relaciona-se evidentemente, quanto á fórma gramatical, com *Tridiavi* = *Tridi-avi*, designação de uma *gentilitas* iberica, que figura numa lapide de Astorga: *Corpus*, II, 2633. Cf. Holder, *Altcelt. Sprachsch.*, II, 1:953. O sufixo ou terminação *-avus* encontra-se tambem em *Talavus*, nome iberico de homem, de cujo radical proveio talvez a palavra portuguesa *Taveira*: vid. *Lições de Filologia*, 2.^a ed., p. 167. O estar em relação um nome de pessoa com um nome etnico é fenomeno muito freqüente na epigrafia: cf. *Gallus, Galla, Cimber, Gallaecus, Limicus, Silur*, etc., nos *Monum. ling. Ibericae*, pp. cxv e 264. Visto pertencer *Tridia* ao povo dos Seurros, haveria parentesco entre estes e os *Tridiavi*, que pertenciam aos Zelas, ou *gens Zoelarum*, como se lê no citado lugar do *Corpus* (II, 2633). Os Zelas eram Astures (Plinio, III, § 28), e appareceu uma inscrição d'elles em Trás-os-Montes (*Religiões*, II, 40), onde fica Felgueiras, em cujo aro morreu *Tridia*, que veio certamente casar aqui. Temos assim curiosas concordancias etnico-geograficas.

Serante. Nome iberico ou talvez celtico (cf. *Brigantes*), cujo nominativo devemos admitir ser *Serans*. Este nome passou para a toponomia galega e asturiana. Textos galegos dos secs. XII e XIII dão-nos *cortina* («cortinha») de *Sarantes, in Sarantes, in villa quae vocitant Sarantes, in villa de Sarantes, de Sarantis, ecclesia Sancti Salvatoris de Sarantes*: vid. os textos em Vaamondi, *Ferrol y Puente deume*, Corunha 1909, pp. 15, 16, 19, 27, 29, 33, 37, etc. Depara-se-nos aqui: primeiro uma *cortinha*, nome em uso ainda hoje na Galiza, em Trás-os-Montes e no Minho, no sentido de «tierra labrantia cerrada sobre si», «tapada», «campo da porta»; depois uma *villa*, isto é, uma quinta; por fim uma *paroquia*. Na Galiza, como no Minho, muitas frêguesias nasceram de *villas* rusticas. Os mencionados textos medievais galegos ora dizem *Sarantes* ou

de *Sarantes*, ora *Sarantis* ou de *Sarantis*, conforme o ouvido mais ou menos alatinado dos escribas: sempre porém com *Sar-*, e não com *Ser-*, como se lê na inscrição.

A toponímia moderna da Galiza apresenta-nos, com a sílaba *Ser-*, como na inscrição, nove lugares chamados *Serantes* na Corunha, dois em Pontevedra, um em Orense, e um em Lugo; e das Asturias apresenta-nos dois em Oviedo. Talvez haja mais. Regulo-me para esta estatística pelo *Diccionario geográfico postal de España*, Madrid 1880. Deve entender-se que a palavra *Serantes*, por estar no plural, contrariamente ao singular *Serante* da inscrição, em concordância com *centuria*, designava a princípio um povo; a forma *Sarantes*, com *a*, pôde acaso fazer crer que esse povo habitava as margens do rio *Sar*, na Galiza, nome que em Pomponio Mela, III, 1, 11, tem a forma *Sars*. D'este rio e de um seu afluente diz um proloquio: *Entre SAR e SARELLA || se queda Compostella*: em J. J. Nunes, *Cantigas de amigo*, III, 680, nota 1. *Sarantes*, com a significação de habitantes da região do *Sar*, teria pois acepção semelhante á do referido *Brigantes*, habitantes de uma *briga* ou *oppidum*. Com o andar do tempo o nome do povo tornou-se nome de lugar. Não faltam exemplos de topónimos provindos de nomes étnicos. Cf. na nossa própria nação: *Santagões*, no sec. XI, *Celtéganos*, de *Celt-ic-anos* (vid. os meus *Opusc.*, I, 301); *Galegos*; *Coimbrões*; *Esturãos* ou *Asturianos*; *Castelhanos*; etc.

Aos topónimos galeco-asturienses que ficam indicados acrescentarei mais um: *Sarantellos*, num documento do sec. XII, em Vaamondi, *ob. cit.*, p. 13: *li* designam *l* molhado, e por isso esta palavra pronunciava-se *Sarantellos* (com ortografia hispano-galega); em português seria *Sarantellos*. Na toponímia moderna da Galiza ha também *Sarantellos*, nome de um lugar na provincia de Pontevedra, a par de *Serantellos*, com *Ser-*, na provincia da Corunha. Em qualquer dos dois exemplos temos uma forma deminutiva de *Sarantes* e *Serantes*, com o sufixo *-ellos* [= *ellos*], como em *Vilarellos* na Corunha, comparado com *Vilares* noutras provincias, e com o citado *Sarella*, comparado com *Sar*. Analogos deminutivos de topónimos nascidos de nomes étnicos os vemos em *Castellanillos*, na provincia de Ávila, e *Galleguillos*, na de Salamanca.

Segundo a minha explicação, *Sarantes* seria a forma primitiva, d'onde, por dissimilação de *a-a*, viria para a inscrição a forma *Serante* (sc. *centuria*). Como, porém, *e* atono antes de *r* tem tendencia para se mudar em *a* (cf. galego *sarelo* e *sarillo*, derivados do lat. *sera*, «ripa» ou «sarrafo»), encontramos as seguintes osci-

lações na pronúncia e na escrita, sem ordem cronologica: *Sarantes* na toponímia medieval, *Serantes* na moderna, e *Sarantellos* tanto na idade média como agora, a par de *Serantellos* também agora.

*

Passemos finalmente ao nome que serve do título a esta comunicação, isto é, aos *Seúrros*.

A literatura epigrafica citada supra (p. 1) dá-nos os seguintes textos:

Seurrus Transmi-, numa inscrição de Astorga;
Seurus, numa inscrição de Felgar (Moncorvo);
Seurra Transm-, na nossa inscrição:

textos que vêm juntar-se aos de Plinio e Ptolemeu: *Seurri*, *Σεουρροι*.

Ao todo propriamente pois duas variantes de uma mesma fôrma, que num texto têm *r*, e noutro *rr*. Na inscrição que tem *Seurus* lê-se *Arius*, também com um *r*, em vez de *Arrius*: ou fenomeno de fonetica local, ou, o mais provavel, puramente grafico; cf. a par d'estes nomes: *Arrenus* & *Arenus*, *Rebourrinus* (de *Reburrus*) & *Reburinus*, etc., todos os quais se podem ver no *Corpus*, II, indice. Cf. além d'isso *Aturrus* & *Aturus*, nomes de rios na Aquitania (De-Vit).

Do que dizem Plinio e Ptolemeu já vimos que os *Seurros* habitavam em territorio d'aquem e d'além Minho. Com a noticia da existencia de *Seurros* além Minho combina o ler-se na 4.^a linha da nossa inscrição *Transm-*, que interpretei por *Transminianus* ou *Transminiensis*, porque os adjectivos geograficos respeitantes a nomes de rios ora se fôrma com o sufixo *-anus*, por exemplo: *Padanus*, *Tamaganus* (de *Támaga*), *Transcudanus* (de *Cuda*, rio Coa), *Transrhenanus*, *Transdanuvianus* (de *Danuvius*, nome muito comparavel, pela terminação, a *Minius!*); ora com o sufixo *-ensis*, por exemplo: *Arniensis* (de *Arnus*), *Sarnensis* (de *Sarnus*, rio da Campania), *Sicilensis*, de *Singilis* ou *Singilius* (rio da Hespanha). Vid. a respectiva documentação em Holder, De-Vit, e Hübner (*Mon. ling. Ibericae*). Á fôrma *Transm-*, da nossa inscrição corresponde na inscrição de Astorga, como vimos, *Transmi-*, um pouco mais ampla do que aquela. Quer o P.^o Macias, quer o P.^o Fita traduziram-na por «de Transminio», o que, salvo melhor juizo, me não parece justo, pois os habitos gramaticais e epigraficos melhor postulam um adjectivo geo-

grafico, do que um substantivo. Mas que sentido se liga aqui a *trans*? «além», dado pelos habitantes da margem esquerda, ou pelos da direita? Tão natural é a pergunta, que *além Douro* ou *Além Douro* significa a margem direita do rio para os de Rêsende, e a esquerda para os de Baião. No caso da inscrição de Felgueiras supponho que *trans* se refere aos da margem direita, isto é, aos do texto de Ptolemeu: não só era assim que os Romanos se exprimiriam respectivamente a Roma, senão que isso está de acôrdo com o ficarem os *Serantes* na Galiza, como a toponímia nos ensinou.

Se havia uns *Seurri Transminiani* ou *Transminienses*, testemunhados pela inscrição de Felgueiras, talvez houvesse paralelamente uns *Seurri* denominados **Cisminiani* ou **Cisminienses* (cf. *Cisrhenani*, nome oposto a *Transrhenani*, citado supra); de tal fôrma não possuímos porém documento directo.

Além da referida divisão dos Seúrros em dois grupos maiores, d'aquem e d'além Minho, havia grupos menores, indicados pela sigla >, designativa de *centuria*, isto é, a *centuria Serans*, como temos visto, e a *Narelia*, se á direita se á esquerda do rio: o aparecer a respectiva inscrição em Felgar não é motivo para se supor que essa *centuria* pertencia ao nosso territorio, já que a *centuria Serans* ficava, segundo todas as probabilidades, na Galiza, apesar de ter sido achada em Portugal a lapide onde o nome se gravou.

Regulando-nos pela terminação *-urr*, que aparece em varios nomes da Iberia, de povos, cidades e pessoas, tais como *Buturra*, *Buturrus*, *Calagurris*, *Gigurri*, *Graccurris*, estamos no caso de suspeitar que os nossos *Seurri* eram um *populus* de estirpe iberica; todavia dizer isto, e não dizer nada, é quasi o mesmo, no desconhecimento em que estamos da significação do radical: e não é prudente aventurar hipoteses que não se justifiquem convenientemente. Contentemo-nos com a determinação, que pôde fazer-se, das divisões e subdivisões d'este povo, e do seu *habitat*, na epoca lusitano-romana, em territorio nosso e da vizinha Galiza.

Mais uma observação, e porei ponto.

Com a inscrição de Felgar (vid. supra, e *Religiões*, III, 412), que diz:

REBVRVS tambem encimada de uma cruz sexradiada, e com
ARI · SEVRV a de Felgueiras, objecto da presente comunicação,
S · O NARELI é muito parecida, quanto á forma, a seguinte inscri-
A · AN · LXII ção das Asturias, inserida no *Corpus*, II, 5739:
depara-se-nos aí, de facto, a expressão O *Beriso*, comparavel

a *O Narelia*, e > *Serante*; e provavelmente o *Cabarcus* d'esta inscrição, tão simétrico com o *Seurus* ou *Seurra* dos textos de Felgar e de Felgueiras, é também um nome étnico, posto que não o conheçamos de outra fonte.

Vê-se que a Epigrafia, com os seus inesperados descobrimentos, é manancial inexgotável onde bebe a História e a Etnologia. Quem nos diria que na lage do adro de Felgueiras, constantemente pisada pelos sapatões dos paroquianos que frequentam a igreja, se ocultavam tão curiosas notícias como as que ficam indicadas, e de cujo exame ainda puderam tirar-se deducções que as ampliaram?

FLAVS
AVLEDI · F ·
CABARC
VS · O · BERI
SO · AN ·
XV · H · S · E

J. L. DE V.

Ara inédita de Trebaruna

No vol. I, n.º 9, do *Archeologo Português*, de Setembro de 1895, e na sua obra *Religiões da Lusitania*, II, pp. 298 a 302, o D.^{or} José Leite de Vasconcelos tornou conhecida dos arqueólogos uma nova divindade lusitana, Trebaruna, cujo nome appareceu, pela primeira vez, numa ara, encontrada no Fundão.

Já antes tinha publicado uma pequena notícia nas *Novidades*, de 24 de Novembro de 1892, e um opúsculo, *Trebaruna (deusa lusitana), ode heroica*.

Acêrca dos attributos desta deusa, por consulta feita por êle ao distinto celtista H. d'Arbois de Jubainville, obteve a seguinte resposta: «Quant à votre déesse Trebaruna, son nom semble bien devoir s'expliquer par une langue celtique. Il faudrait corriger Treboruna. TREBO signifie «maison» (Whitley Stokes, *Urkeltischer Sprachschatz*, p. 137, e RUNA «secret», *ibid.*, 236). Treboruna voudrait donc dire: «secret de la maison».

Seria pois a nova deusa um *penate*, um *génio doméstico*, protector da casa onde estava, como diz o D.^{or} Leite de Vasconcelos (*Religiões*, p. 301).

Nunca mais appareceu ara alguma desta deusa, até que, no corrente anno, tive a boa fortuna de adquirir e estudar a segunda ara de Trebaruna.

O precioso monumento, cuja descrição e gravuras ofereço hoje aos leitores do *Archeologo Português*, foi visto por mim, há anos, na Lardosa, na quinta de Alverca, do meu prezado amigo, Jacinto António Boavida dos Santos.